



O Palácio Itamaraty: R\$ 200 mil em salários, mais gastos com telefonemas e manutenção dos carros

# Defensores do Senadinho propõem centro de pesquisa

*Usar representação do Rio para estudos foi uma das idéias apresentadas por Benedita da Silva e Artur da Távola para convencer colegas a votar contra extinção*

CLAUDIO RENATO

**R**IO — A teoria defendida pelos senadores cariocas Artur da Távola (PSDB) e Benedita da Silva (PT) para que o Senado mantivesse sua representação no Rio era que o Senadinho, como é chamado, pode se transformar em "importante centro de pesquisa". Outro argumento teórico: nos Estados Unidos, o Senado tem escritórios em todas as cidades. Na terça-feira, Benedita chegou a dizer na tribuna que considera a representação "um patrimônio político e cultural do Rio".

O esforço dos senadores do Rio teve resultados: na terça-feira, o plenário do Senado decidiu manter a representação. Apesar disso, a votação foi apertada: 24 votos a favor, 22 contra e 4 abstenções. O Senadinho — que fica no Palácio Itamaraty no Rio e funciona desde 1960, quando a capital federal foi

transferida para Brasília —, foi considerado desnecessário por um grupo de trabalho que analisou a estrutura da Casa e o senador Ney Suassuna (PMDB-PB) apresentou projeto extinguindo-o.

**Salários** — Na prática, o Senado joga pelo ralo pelo menos R\$ 300 mil por mês dos contribuintes para manter a representação. Só folha de pagamento dos 48 funcionários chega a R\$ 200 mil.

Além disso, o Senado paga a conta de 25 linhas telefônicas — cerca de R\$ 4 mil por mês — e gastos com combustível e manutenção de 15 carros (atualmente, seis estão em condições

de uso), afora mordomias como cafezinho e água mineral.

Teoricamente, os carros e os cinco motoristas deveriam estar à disposição dos 81 senadores, sempre que chegassem ao Rio, para transportá-los do aeroporto para os hotéis e vice-versa. Na prática, como poucos são os senadores que vão ao Rio a trabalho, funcionários levam os carros para casa, principalmente em dias de plantão.

O diretor do Senadinho, Deusdedit Miranda, há uma semana manda dizer que não está. Segun-

do um funcionário, estaria trabalhando num escritório na garagem do Palácio Itamaraty.

Na sexta-feira, por exemplo, os dois únicos funcionários "visíveis" disseram que o diretor estava em Brasília. Miranda começou sua carreira como motorista e, com a ajuda da amizade de sucessivos presidentes do Senado, hoje

é diretor da representação, com cinco secretárias e salário em torno de R\$ 6 mil mensais.

**S**UASSUNA  
APONTA A  
DUPLICIDADE  
DE TRABALHO,  
MAS DEFENDE  
SERVIÇOS NO  
AEROPORTO

**Duplicidade** — Na teoria, todos os funcionários da representação trabalham diariamente, mas, na prática, eles mesmos estabelecem escalas especiais de plantão e muitos ficam até três dias sem aparecer. Suassuna chamou a atenção ainda para a duplicidade do trabalho: além de receber senadores no Aeroporto Internacional do Rio, os 48 servidores do Senadinho fazem basicamente o clipping diário (recortes de jornais) e as estatísticas — serviços que são realizados também em Brasília — e trabalham no pagamento de aposentadorias de funcionários do Senado, o que poderia ser assumido por qualquer banco, por convênio.

Em julho de 1995, reportagem do **Estado** mostrou que o escritório do Senadinho no Aeroporto do Rio estava facilitando o embarque de políticos sem nenhum controle ou fiscalização de bagagens. Mas os privilégios no aeroporto são defendidos até por Suassuna, que propunha manter um posto de atendimento no local depois que a representação fosse extinta. "A maioria dos senadores têm idade avançada e precisam desse suporte", argumentou, dando como exemplos os senadores Josaphat Marinho (PFL-BA), de 81 anos, e Darcy Ribeiro (PDT-RJ), que tem 74 e está usando cadeira de rodas.